

Vereadores unem-se para criticar “Estado”

Mesmo os que estão em campos políticos opostos ficaram lado a lado na sessão de ontem

GABRIELA CARELLI
e FLÁVIO MELLO

Ânimos exaltados, solidariedade entre rivais políticos, acusações contra a ditadura da imprensa e os vereadores aprovados. A primeira sessão plenária da Câmara Municipal de São Paulo após a publicação do caderno especial *Câmara Municipal S.A.* foi marcada por uma série de discursos inflamados dos vereadores, principalmente os considerados reprovados segundo a avaliação do caderno. “Se me apaixonei por ela, ninguém tem nada a ver com isso”, desabafou Arselino Tatto (PT), referindo-se à companheira, Maria José de Barros da Silva, lotada em seu gabinete como secretária.

Tatto, reprovado pelos críticos de avaliação, entre eles o nepotismo, continuou: “Que vão procurar lama em outro lugar, não no meu mandato”, disse. “Em nove anos nesta Casa só falei cinco vezes; este vereador tem de ser reprovado?” E finalizou: “Sou Arselino Roque Reprovado Tatto; muito prazer.”

A repercussão das reportagens, que mostraram o trabalho dos 55 vereadores, as denúncias e as investigações sobre esquemas de corrupção nos órgãos municipais, provocaram ainda a ira de alguns. Ivo Morganti (PFL), visivelmente alterado, fez insinuações a respeito do colega petista José Eduardo Martins Cardozo (PT). “Como ele é aprovado pelo *Estadão* se aceitou dinheiro do Itaú?”, perguntou, ressentido com sua classificação.

“Um homem (Cardozo) que não vota para a presidência da Casa pode ser aprovado?”, continuou Ivo. Cardozo respondeu e iniciou-se a guerra. A partir daí, Morganti criticou Tatto. “Até acredito, nobre colega, que o senhor não sabia da nomeação de seu irmão para a Regional de Capela do Socorro”, ironizou. Antonio Goulart (PMDB) saiu em defesa do adversário petista e emendou: “A família Tatto sempre foi boa para a região.”

Desvalorização – Anna Martins, única representante do PC do B na Casa, disse que o caderno optou por desvalorizar o trabalho do Legislativo. Ela foi considerada regular, apesar de ter três chefes de gabinete, que custam à Câmara cerca de R\$ 21 mil, segundo a diretoria-geral. As admissões, segundo colegas e assessores administrativos, fogem à regra ética, apesar de estar dentro da lei.

Até a considerada “nobre dama” do Legislativo, Ana Maria Quadros (PSDB), sentiu-se prejudicada e mandou um abraço para todos os colegas, sem exceção. “Os jornalistas só se preocupam em divulgar mazelas”, criticou. Ana Maria foi acusada por funcionários de cobrar 20% de seus salários para fazer “caixinha”. Retrucou, afirmando que a verba era para despesas de gabinete e não havia obrigação de “contribuir”.

Nos momentos de descontração, os vereadores divergentes politicamente mostraram que nem tudo foi levado tão seriamente. Prova disso foi uma conversa entre Goulart e Roberto Tripoli (PSDB):

– Como vai, regular?, perguntou Goulart.

– Tudo bem, disse Tripoli.

– Pois bem, eu fui reprovado, respondeu Goulart.

Mas, “bola pra frente que atrás vem gente”, finalizou, em seu discurso, o vereador Viviani Ferraz (PL).

O vereador Salim Curiati Júnior (PPB) lamentou ter sido incluído entre os “reprovados”, na classificação do caderno publicado domingo. Segundo ele, nestes dois anos ele apresentou diversos projetos de interesse da população, alguns deles aprovados, caso de sanitários públicos nas feiras livres.

Sobre a denúncia de uso da máquina pública em benefício de sua candidatura, disse que o caso foi julgado em duas instâncias e arquivado por falta de provas. Lembrou ainda que chegou a ter o controle político da Administração Regional de São Mateus, mas, por se ter oposto ao prefeito Celso Pitta, o regional foi demitido.



Tatto (PT) protesta contra reportagem do “Estado” na tribuna: “Arselino Roque reprovado Tatto, muito prazer”